

LINGUASAGEM

FONÉTICA FORENSE: ESTUDOS, APLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO¹

Entrevista com Renata Passetti²

RESUMO

Nesta entrevista, a linguista e pesquisadora na área de Fonética Forense, Renata Passetti, traz informações sobre a Fonética Forense e suas contribuições para os estudos linguísticos, apresenta algumas das pesquisas desenvolvidas ao longo de sua carreira acadêmica e compartilha iniciativas encabeçadas por inúmeros pesquisadores e instituições para garantir a disseminação e a divulgação do conhecimento científico produzido na área.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética Forense; Linguística; Divulgação Científica.

ABSTRACT

In this interview, the linguist and researcher in the field of Forensic Phonetics, Renata Passetti, brings information about Forensic Phonetics and its contributions to linguistic studies, presents some of the research developed throughout her academic career and shares initiatives headed by numerous researchers and institutions to ensure the dissemination and the divulgation of scientific knowledge produced in the area.

KEYWORDS: Forensic Phonetics; Linguistics; Scientific Dissemination.

Estudos Linguísticos e Fonética Forense

Entrevistadores(as): Sabemos que, quando se trata da Linguística, existem, de forma geral, algumas ideias e noções prévias, como a de que se trata de uma área que estuda várias línguas, ou de que se trata de um curso para aprender a escrever e a falar

¹ Entrevista concedida no dia 18 de janeiro de 2023, de forma remota, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 da *Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais*. A equipe responsável pela produção, transcrição, retextualização e revisão desta entrevista foi composta por Ana Carolina de Sousa Araújo, Carolina Peternela Colosso, Igor Santos Coimbra, Lucas Augusto Pires Contessotto e Rodrigo do Prado Pazzini, discentes do curso de Bacharelado em Linguística, e Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Doutora em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (2018) e possui título de Mestre (2015) e Bacharel em Linguística (2012) pela mesma instituição. Desenvolve pesquisas sobre qualidade de voz e sobre os efeitos da transmissão telefônica de linhas móveis (celulares) e de aplicativos de mensagens de áudio no sinal da fala, com ênfase no estudo de modificações acústico-perceptivas e estilísticas ocorridas no sinal da fala em função de contexto telefônico (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: re.passetti@gmail.com.

“corretamente”, por exemplo. Se isso acontece com a Linguística, ocorre ainda mais em suas subáreas, como é o caso da Fonética Forense. Uma das nossas tarefas enquanto linguistas é desmistificar essas ideias pré-concebidas que as pessoas têm sobre a nossa área e mostrar qual é o tipo de trabalho que realizamos. Você, enquanto especialista, poderia nos apresentar uma definição geral sobre a Fonética Forense e quais são as motivações para esses estudos?

Renata Passetti: A Fonética Forense é uma área aplicada da Fonética Linguística. O que diferencia esses dois campos de estudo é que, enquanto a Fonética Linguística analisa os mecanismos fonéticos compartilhados por uma comunidade de falantes, abstraindo as características que são idiossincráticas, ou seja, que são próprias de um falante, os estudos em Fonética Forense adotam o caminho contrário. Dessa forma, o que interessa aos estudiosos desta área é exatamente aquilo que é idiossincrático, isto é, as características fonéticas que são particulares de um indivíduo.

Acredito que uma das melhores definições para a Fonética Forense seja a que foi apresentada por Michael Jessen, um foneticista forense da *Bundeskriminalamt*, a agência federal de investigações dos governos da Alemanha e da Áustria. Em seu artigo *Forensic Phonetics* (2008), ele define a Fonética Forense como

a aplicação de conhecimentos, teorias e métodos da fonética geral em tarefas práticas que emergem da atuação policial ou da apresentação de evidências em tribunais, bem como o desenvolvimento de novos conhecimentos, teorias e métodos especificamente fonético-forenses (Jessen, 2008, p. 671³).

A meu ver, o que faz com que essa definição seja tão interessante, é que nela, teoria e prática caminham lado a lado.

Quanto às motivações dos estudos fonético-forenses, elas se caracterizam, sobretudo, pelo interesse em descrever situações de fala que exigem uma análise forense. Um exemplo é a necessidade de se comparar, para fins investigativos no âmbito da justiça, amostras de fala que foram obtidas em circunstâncias distintas, tais como obtidas em

³ No original: “the application of the knowledge, theories and methods of general phonetics to practical tasks that arise out of a context of police work or the presentation of evidence in court, as well as the development of new, specifically forensic-phonetic, knowledge, theories and methods.” (Jessen, 2008, p. 671). Esta definição pode ser encontrada no verbete sobre Fonética Forense da Associação Luso-Brasileira de Ciências da Fala. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=lbass&lang=1&page=4135&menu=&tipo=1#_ftn1

interação face a face ou coletadas de um aplicativo de mensagens ou de um ambiente com muitos ruídos, como uma música de fundo ou barulhos de trânsito. É possível utilizar as técnicas da Fonética Forense para comparar essas amostras de fala e estimar a probabilidade de elas pertencerem ou não à mesma pessoa.

Além disso, um estudo fonético-forense também pode ser motivado pela necessidade de se compreender e de se catalogar características típicas da fala, como as particularidades linguísticas de um indivíduo, de um grupo de falantes e, até mesmo, de um dialeto.

Pesquisa Atual em Fonética Forense

Entrevistadores(as): Desde a sua graduação em Linguística, passando pelo Mestrado e pelo Doutorado, você tem se dedicado ao tema da *verificação de locutor*⁴. Atualmente⁵, em seu estágio de Pós-doutorado, financiado pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), você realiza a pesquisa *Análise fonético-perceptiva da tipicidade de qualidades de voz em um corpus forense do português brasileiro*⁶. Em que medida esse estudo dá continuidade e avança em relação às pesquisas anteriores? O que ele traz de diferente das outras?

Renata Passetti: Minha principal motivação nesta pesquisa foi investigar o potencial distintivo da qualidade de voz e sua aplicabilidade em exames fonético-forenses.

A qualidade de voz pode ser compreendida como a combinação de ajustes em nível laríngeo e supralaríngeo que podem ser momentâneos ou permanentes na voz. Cada indivíduo tem uma qualidade de voz que é diferente daquela de outros, e isso é um traço vocal de caráter permanente desses indivíduos, mas há possibilidade de se criar ajustes momentâneos, como, por exemplo, um sussurro para contar um segredo.

Esses ajustes são responsáveis por caracterizar a voz de um indivíduo. Eles derivam de características fisiológicas do trato vocal - por exemplo, um falante que tem

⁴ De acordo com a Dissertação de Mestrado da entrevistada, “a verificação de locutor consiste em uma prática que, segundo Hollien (2002, p.5 apud Passetti, 2015), visa determinar quem está falando e não necessariamente o que está sendo dito. Dessa forma, busca a identificação de um locutor em ambientes acústicos favoráveis, envolvendo o uso de equipamentos de alta precisão e amostras de fala manipuladas sob a supervisão de um operador” (Passetti, 2015, p.14).

⁵ A entrevista com a pesquisadora foi realizada no dia 18 de janeiro de 2023. Na data, seu estágio de Pós-doutorado na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) ainda estava em andamento.

⁶ Estágio de Pós-doutorado desenvolvido na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) sob a supervisão da professora Sandra Madureira e financiamento do CNPQ.

uma mandíbula projetada, pode ter sua qualidade de voz impactada por essa característica - como também podem estar associados a hábitos socialmente adquiridos ou a significados sociais. Há estudos que identificaram que o uso de voz crepitante se tornou muito comum em mulheres, principalmente entre as jovens, norte-americanas⁷ e até mesmo entre as atrizes do país⁸.

Em minha pesquisa atual, o objetivo é mapear os ajustes da qualidade de voz em dados do português brasileiro e analisar o quão frequente eles são na população investigada e se eles podem ser típicos também de algum dialeto do português brasileiro.

Enquanto nas pesquisas passadas eu tinha como foco a análise dos efeitos técnicos que incidem sobre o sinal de fala nas transmissões telefônicas ou nas mensagens de voz por aplicativo, esta análise atual está centrada em aspectos próprios da produção do sinal de fala. Dessa forma, o foco agora é no indivíduo e não mais no impacto que as tecnologias têm sobre a fala.

Apesar dessa especificidade, a pesquisa atual ainda mantém relações com as pesquisas anteriores porque, assim como as outras, investiga um elemento prosódico, a qualidade de voz, além de também buscar contribuir para os exames fonético-forenses e para o desenvolvimento de metodologias aplicadas a essa área.

Entrevistadores(as): Nesta pesquisa, quão influente é, ou pode ser, a região geográfica do falante para os resultados da análise proposta?

Renata Passetti: Eu ainda não posso responder essa pergunta de forma precisa, pois os dados da pesquisa ainda estão em fase de análise.

O que eu posso afirmar, por enquanto, é que, como a performance vocal de um falante compreende características tanto fisiológicas quanto socialmente adquiridas, sua qualidade de voz pode revelar traços que sejam distintivos e, entre estes traços, pode haver especificidades que revelam a região de origem do indivíduo.

Dessa forma, da mesma maneira que estudos sóciofonéticos demonstram que existem diferenças de nível segmental e suprasegmental entre dialetos do Português Brasileiro, o nosso interesse nesta pesquisa é realizar uma investigação que seja capaz de

⁷ Cf. Yuasa (2010) e Podesva (2011).

⁸ Cf. Pennock (2005).

responder se há diferenças relacionadas à qualidade de voz em determinados dialetos do PB e quais são elas.

Entrevistadores(as): Esta nova pesquisa lida com amostras de fala para a realização da análise da qualidade de voz. Quais critérios foram adotados para a delimitação de seu *corpus* e para a construção desse conjunto de amostras?

Renata Passetti: As amostras de fala da pesquisa atual foram selecionadas a partir de um projeto chamado *Corpus Forense do Português Brasileiro*, elaborado pelo Serviço de Perícias em Audiovisual e Eletrônicos, o SEPAEL, do Instituto Nacional de Criminalística da Polícia Federal Brasileira.

Esse *corpus* é composto por gravações de servidores diretos e indiretos das polícias civil e federal que foram fornecidas de maneira consensual, ou seja, são gravações de servidores que assentiram em contribuir para a elaboração desse banco de dados. Para fazer uso dos dados deste repositório, me foi concedida a autorização formal da instituição.

Uma vez que esse banco de dados é muito extenso, eu tomei a decisão de selecionar cem (100) amostras de fala para serem utilizadas na minha pesquisa. Para essa seleção, foram feitas uma série de escolhas que visavam controlar fatores sociais que poderiam impor vieses ao tratamento sociofonético dos dados.

Os critérios adotados foram discutidos com uma especialista de sociofonética, a professora Cláudia Brescancini da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Entre esses critérios, foram feitas escolhas de gravações em que os falantes possuísem uma faixa etária equivalente, tivessem o mesmo grau de escolaridade e tivessem vivido a maior parte da vida em suas cidades de origem, ou seja, com um histórico de fluxo migratório baixo. Também buscamos selecionar amostras de servidores com profissões ligadas à esfera policial.

Além disso, para evitar um possível efeito de mudança geracional nos dados, escolhemos gravações que foram realizadas em um determinado período de tempo, mais especificamente entre 2009 e 2019. Como desejávamos avaliar o efeito do fator regional nos dados, selecionamos gravações de diferentes Estados Brasileiros. Para fazer essa seleção, nos baseamos na distribuição da densidade populacional brasileira de acordo com os dados coletados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), em 2021. De acordo com essa

pesquisa, 9% da população brasileira reside na região Norte, 27% na região Nordeste, 42% na região Sudeste, 8% na região Centro-Oeste e 14% na região Sul. Nossa seleção buscou refletir a densidade populacional brasileira por Estado, de modo que foram selecionadas 9 gravações da região Norte, 27 da região Nordeste e assim por diante.

Contribuições e Aplicações da Fonética Forense

Entrevistadores(as): Outro estudo que nos chamou a atenção foi sua dissertação de Mestrado *O efeito do telefone celular no sinal da fala: uma análise fonético-acústica com implicações para a verificação de locutor em português-brasileiro*, defendida em 2018, com a orientação do Prof. Dr. Plínio Barbosa e financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Neste estudo são analisadas amostras de fala provenientes de conversações em celulares que podem, ou não, servir como evidências de crimes que envolvam ligações telefônicas. Como esse método pode contribuir para uma investigação criminal, por exemplo?

Renata Passetti: A principal contribuição da minha dissertação de Mestrado para as investigações de Fonética Forense está relacionada à cautela que se deve ter diante da interpretação do resultado de análises acústicas provenientes de interceptações telefônicas e também na comparação destes resultados com aqueles provenientes de gravações obtidas em uma situação diferente, como por meio de gravadores digitais.

A necessidade de realizar uma análise cautelosa se dá porque o filtro telefônico distorce o sinal da fala e elimina todas as frequências que são inferiores aos 300 *Hertz* e superiores aos 3400 *Hertz*, logo, todas as informações acústicas que estão próximas a estes limiares são prejudicadas ou perdidas. As consoantes fricativas, por exemplo, são segmentos que têm concentração de energia geralmente em regiões superiores aos 4000 *Hertz*, portanto, em uma gravação proveniente de interceptação telefônica, existem grandes chances de que esses sons sejam perdidos.

Uma amostra dessa distorção espectral, confirmada pelo meu estudo, revela um aumento nos valores da frequência do primeiro formante em vogais do português brasileiro (PB), principalmente nas vogais altas, como o /i/ e /u/, que estão próximas aos 300 *Hertz*, isto é, a um limiar de baixa frequência. Este resultado é importante porque sinaliza para o perito e/ou assistente técnico qual tipo de alteração deve-se esperar quando se faz um exame de comparação de locutor envolvendo interceptação telefônica e

analisando vogais do PB. Este tipo de informação também evita que haja uma interpretação incorreta dos dados e que os resultados obtidos sejam enviesados.

Entrevistadores(as): A pesquisadora foi coautora e participou da organização do livro *Análise Fonético Forense em tarefa de comparação de locutor*, publicado em 2020 pela Millenium Editora. Na primeira parte do livro, somos apresentados a um Protocolo que estabelece procedimentos para a análise pericial de comparação de locutor. Que tipo de contribuição você e o grupo esperavam obter ao criar este Protocolo?

Renata Passetti: A criação deste Protocolo e, por extensão, a escrita deste livro, foi resultado de um projeto chamado *Protocolo Geral para Exame de Comparação de Locutor*⁹, que foi desenvolvido durante dois anos pelo GEF (Grupo de Estudos de Fonética Forense) da Unicamp e pela Escola Superior do Ministério Público de São Paulo e que contou com o financiamento da FAPESP.

Esse projeto contou com uma equipe multidisciplinar, composta por linguistas, discentes, professores, fonoaudiólogos e assistentes técnicos do Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP). Por meio dele, pretendíamos investigar as técnicas de análise perceptivo-acústica e sociolinguística que poderiam ser aplicadas ao exame de comparação de locutor e, a partir disso, elaborar um conjunto de diretrizes para a realização desse exame que pudesse ser utilizado pelos peritos do MP e de outros profissionais da área. A nossa intenção foi utilizar os conhecimentos e métodos científicos da fonética para desenvolver técnicas que pudessem ser aplicadas à área da Fonética Forense e que fossem úteis para os exames elaborados.

Dessa forma, surgiu o *Protocolo de Análise Fonético Forense para Comparação de Locutor*. Este documento foi inspirado em um capítulo chamado *Aural/acoustic vs. automatic methods in forensic phonetic case work*, escrito pelo professor Anders Eriksson (2012), e que conta com uma série de cinco etapas para análise acústico-auditiva em contexto forense. Por meio do Protocolo, pudemos desenvolver documentos de

⁹ O Protocolo Geral para Exame de Comparação de Locutor está disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1I-bcm5uVLgaiZDQpci8agkJMf2fdULXf>.

orientação, métodos de análises, quadros de instruções e *scripts* para o programa PRAAT¹⁰ para cada uma das etapas.

A equipe também se preocupou em disponibilizá-lo de forma *online*, uma vez que nossa intenção era a de seguir a ideologia da ciência aberta e garantir que esse material alcançasse o maior número de interessados possível. Então, hoje, todo o Protocolo está inteiramente disponível na internet e pode ser acessado por qualquer pessoa de forma gratuita.

Entrevistadores(as): Além do Protocolo, o livro também apresenta capítulos com pesquisas de linguistas que trabalham com temas que dialogam com a tarefa de comparação de locutor. Qual nível de importância a leitura destes capítulos tem para as pessoas que trabalham na área da fonética forense?

Renata Passetti: A leitura destes capítulos é essencial para quem trabalha na área, pois eles apresentam temas de estudos e metodologias fundamentais para as tarefas desenvolvidas por profissionais deste campo e informações detalhadas sobre questões que são relevantes para as análises fonético-forense e que contribuem ativamente para suas práticas.

Por exemplo, o capítulo sete, assinado pela professora Cláudia Brescancini e pela perita criminal Dra. Cíntia Gonçalves, apresenta um método, baseado nos critérios de tipicidade e similaridade, para ponderar o peso de evidências sóciofonéticas em exames de comparação de locutor. O capítulo oito, por sua vez, escrito pelas professoras Sandra Madureira e Zuleica Camargo, da PUC São Paulo, apresenta um protocolo fonético para a análise perceptiva da voz (*Vocal Profile Analysis*¹¹).

Divulgação em Fonética Forense

Entrevistadores(as): Ao longo dos últimos anos, a ciência no Brasil sofreu um grande descaso no que diz respeito aos investimentos necessários para o incentivo da pesquisa científica e para a sua divulgação dentro dos setores de mídia. Na área de Fonética

¹⁰ O PRAAT é um software aberto utilizado em análise e síntese da fala. O programa foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã, e o seu foco principal é a análise sonora, através de parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis etc. É possível realizar o download do software através do link: https://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html.

¹¹ Cf. Mackenzie-Beck (2007).

Forense, existe algum avanço para conseguir que a divulgação dos estudos alcance um público mais geral ou os temas debatidos ainda estão muito restritos ao meio acadêmico?

Renata Passetti: Felizmente, a divulgação científica tem a tecnologia como uma grande aliada e existem muitas iniciativas de divulgação e de popularização do conhecimento científico que são realizadas por meio de *podcasts*, *blogs*, plataformas de vídeo como *YouTube* e até mesmo pelas mídias sociais. A divulgação na área de Fonética Forense tem seguido essa direção e é possível citar iniciativas de divulgação científica na área.

Em 2020, em virtude da pandemia do COVID-19, a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) promoveu uma série de conferências e mesas-redondas chamadas *ABRALIN ao vivo*, que eram feitas por meio de uma plataforma *online* interativa. Nestas conferências foram discutidos diversos temas da linguística, com a participação de pesquisadores nacionais e internacionais. Em conjunto com a professora Sandra Madureira, da PUC São Paulo, a professora Cláudia Brescancini da PUC do Rio Grande do Sul, e o professor Plínio Barbosa da Unicamp, apresentei a mesa-redonda chamada *Fonética: que bicho é esse?*¹². Nessa ocasião, foram discutidas algumas temáticas importantes da fonética, dentre elas, a Fonética Forense. O grande interesse que essa discussão provocou nos motivou a escrever um ensaio, de mesmo nome, que aprofundou os temas debatidos durante o evento. Este ensaio foi publicado no periódico *Cadernos da ABRALIN*¹³, que também está disponível online.

As discussões suscitadas durante a mesa-redonda da ABRALIN também nos levaram, juntamente com o professor Leônidas da Silva Júnior, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a escrever um livro, de mesmo tema, que visa popularizar o conhecimento científico sobre a fonética. Este livro, que será publicado em breve, foi escrito e pensado para alcançar um público mais amplo e, dentre os diversos assuntos sobre fonética que ele aborda, há também um capítulo sobre Fonética Forense.

Outra iniciativa de popularização científica é a divulgação de verbetes sobre as áreas da ciência da fala, promovida pela Associação Luso Brasileira de Ciências da Fala (LBASS). Estes verbetes são escritos por especialistas em diversas áreas que têm relação

¹² A mesa-redonda *Fonética: que bicho é esse?*, apresentada pelos professores Renata Passetti, Sandra Madureira, Cláudia Brescancini e Plínio Barbosa, está disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/fonetica/>.

¹³ O ensaio escrito pelos linguistas e publicado no periódico *Cadernos da ABRALIN* está disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/325>.

com os estudos sobre a fala, incluindo um que foi escrito por mim, sobre a área de Fonética Forense¹⁴.

Existem projetos também na modalidade oral, como é o caso do *podcast* de divulgação científica *Mexendo com a língua* da Rádio UFSCar (Universidade Federal de São Carlos)¹⁵, que conta com um episódio dedicado à linguística forense e a participação do professor Pablo Arantes, da UFSCar.

A divulgação para o público leigo também tem sido feita de maneira presencial, por meio de iniciativas de visitas de estudantes às universidades. Na UFSCar e na Unicamp, por exemplo, existem eventos como a *Universidade Aberta* e a *Universidade de Portas Abertas*, respectivamente. Estes eventos possibilitam que a Universidade crie um espaço de diálogo e de divulgação com os estudantes do ensino médio, dos cursinhos pré-vestibular e do ensino fundamental, fazendo com que eles entrem em contato com as diferentes áreas que existem neste espaço.

No âmbito acadêmico, destaco um projeto de pesquisa e ensino, do qual faço parte, que se chama *Pela Excelência da Formação e da Pesquisa em Fonética Forense*¹⁶. Esse projeto é coordenado pelo professor Plínio Barbosa e financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e conta com uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, discentes e peritos criminais para a realização de atividades de pesquisa e de ensino em Fonética Forense. Dessa forma, ao longo do semestre letivo, são oferecidas uma série de atividades relacionadas a este tema, como oficinas de aprofundamento e webinários com especialistas da área. Em 2022, nós ministramos a disciplina de Fonética Forense na Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, sendo uma das primeiras em um programa de Pós-graduação no Brasil.

Essas são algumas das várias iniciativas que trazem visibilidade para o campo de estudos da Fonética Forense e para o trabalho dos linguistas que atuam nessa área.

REFERÊNCIAS

¹⁴ O verbete sobre fonética forense escrito pela pesquisadora está disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=lbass&lang=1&page=3597&menu=2303&tipo=1.

¹⁵ O episódio do podcast “Mexendo com a Língua” que trata da linguística forense está disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6K50KobPdENZZhlzVzuYQ?si=5e446b30d9d8414d>.

¹⁶ Mais informações sobre as atividades relacionadas ao projeto podem ser obtidas através do e-mail geff.unicamp@gmail.com.

ERIKSSON, Anders. Aural/acoustic vs. automatic methods in forensic phonetic case work. *In: Forensic Speaker Recognition*. Springer, New York, NY, 2012. p.41-69.

JESSEN, M. Forensic Phonetics. *Language and Linguistics Compass*, v.2, n.4, p. 671-711, 2008.

MACKENZIE-BECK, J. **Vocal profile analysis scheme: A user's manual**. Edinburgh: Queen Margaret University College QMUC, Speech Science Research Centre, 2007.

PASSETTI, Renata. **O efeito do telefone celular no sinal da fala: Uma análise fonético-acústica com implicações para a verificação de locutor em português brasileiro**. Orientador: Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/947280>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PASSETTI, Renata. Fonética Forense. *In: Verbetes LBASS*. 2022. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=lbass&lang=1&page=3597&menu=2303&tipo=1. Acesso em: 17 jul. 2023.

PENNOCK, Barry. The changing voice of women. *In: Actas del XXVII congress internacional de AEDEAN*. Valencia: Dept. de Filologia Anglesa I Alemanya, Universitat de Valencia, 2005. p. 407-415.

PODESVA, R. J. Gender and the social meaning of non-modal phonation types. *Annual meeting of the Berkeley linguistics society*. p. 427-448, 2011.

YUASA, I. P. Creaky Voice: A New Feminine Voice Quality for Young Urban-Oriented Upwardly Mobile American Women?. *American Speech*, v. 85, n.3, p. 315-337, 2010.

Como referenciar esta entrevista:

PASSETTI, Renata R. Fonética Forense: estudos, aplicação e divulgação. [Entrevista concedida a] Ana Carolina de Sousa Araújo, Carolina Peternela Colosso, Igor Santos Coimbra, Lucas Augusto Pires Contessotto, Luzmara Curcino e Rodrigo do Prado Pazzini. *revista Linguagem*, São Carlos, v.47, n.1, p. 40-50, 2024.